

o
t
juncos **n**
ao **v e**

Grazia
Deledda **tradução**
Maria Augusta
Mattos

capítulo
primeiro

montanhas azuladas e, a leste, os mares, dava a ideia de um berço coberto por véus verdes e fitas azuis, com o murmúrio do rio monótono como o de um bebê que adormece.

Mas os dias já estavam quentes demais e Efix pensava, também, nas chuvas torrenciais que enchem os rios sem contenções e os fazem saltar como um monstro e destruir todas as coisas: confiar sim, mas desconfiar também; é preciso estar atento como os juncos das encostas, que a cada sopro de vento batem as folhas umas nas outras, como para se advertirem do perigo.

Por isso tinha trabalhado o dia todo, e agora, à espera da noite, enquanto, para não perder tempo, tecia uma esteira de juncos, rezava para que Deus tornasse útil seu trabalho. O que é um pequeno dique se Deus não o torna, com seu querer, colossal como uma montanha?

Sete juncos cruzando um vime, portanto, e sete orações ao Senhor e a Nossa Senhora do Remédio, bendita seja. E eis, lá no extremo azul do crepúsculo, a igreja e os casebres silenciosos como um povoado pré-histórico abandonado há séculos. Àquela hora, enquanto a lua nascia como uma grande rosa entre os arbustos da colina e as eufórbias perfumavam o caminho ao longo do rio, também as patroas de Efix rezavam: dona Ester, a mais velha, bendita seja, certamente recordava-se dele, pecador, em suas orações: isso bastava para que ele se sentisse contente, compensado de sua labuta.

Um passo ao longe fez com que ele erguesse os olhos. Pareceu reconhecer: era um passo rápido e leve de criança, passo de anjo que corre a anunciar as coisas alegres e as tristes. Seja feita a vontade de Deus: é Ele quem manda as boas e as más notícias; mas seu coração começou a acelerar e seus dedos negros e rachados tremeram com os juncos prateados e brilhantes ao luar como fios de água.

O passo não mais se ouvia, todavia Efix permaneceu imóvel, à espera.

A lua subia diante dele, e as vozes da noite avisavam o homem de que sua jornada tinha acabado. Era o grito cadenciado do cuco, o cri-cri dos grilos temporãos, alguns gemidos de pássaro; era o suspiro dos juncos e a voz cada vez mais clara do rio, mas era, sobretudo, um sopro, um ofegar misterioso que parecia sair da própria terra. Sim, a jornada do homem trabalhador tinha acabado, mas começava a vida fantástica dos duendes, das fadas, dos espíritos errantes. Os fantasmas dos antigos barões desciam das

ruínas do castelo que ficava sobre o vilarejo de Galte, lá longe, no horizonte à esquerda de Efix, e percorriam as margens do rio à caça de javalis e de raposas. Suas armas cintilavam em meio aos baixos amieiros da beira, e o latido abafado dos cães distantes indicava que eles estavam passando.

Efix ouvia o barulho que as *panas* (mulheres mortas no parto) faziam ao lavar roupa lá embaixo, no rio, batendo os tecidos com um osso de defunto, e acreditava vislumbrar o *amattadore* (duende com sete gorros nos quais guarda um tesouro) saltar aqui e acolá no bosque de amendoeiras, seguido pelos vampiros de rabo de aço.

Era a passagem dele que despertava o cintilar dos ramos e das pedras sob a lua, e aos espíritos malignos se uniam os das crianças não batizadas, espíritos brancos que voavam pelo ar transformando-se nas nuvenzinhas prateadas atrás da lua. Os anões e as *janas*, pequenas fadas que durante o dia ficam em suas casas de pedra a tecer com fios de ouro em teares de ouro, dançavam à sombra das grandes touceiras de filírea, enquanto os gigantes se debruçavam entre as pedras das montanhas atingidas pelo luar, segurando pela rédea os enormes cavalos verdes que somente eles sabem montar, espiando se lá embaixo, entre as extensões sem fim de eufórbia maléfica, se escondia algum dragão ou se a lendária serpente *cananèa*, viva desde os tempos de Cristo, deslizava na areia ao redor do pântano.

Especialmente nas noites de lua, toda essa população misteriosa animava as colinas e os vales: o homem não tinha o direito de perturbá-la com sua presença, do mesmo modo como os espíritos a respeitaram durante o trajeto do sol. É, então, tempo de retirar-se e fechar os olhos sob a proteção dos anjos da guarda.

Efix fez o sinal da cruz e se levantou, mas ainda esperava que chegasse alguém. No entanto, empurrou a tábua que servia de portãozinho e apoiou nela uma grande cruz de bambu que devia impedir duendes e tentações de penetrar na cabana.

O clarão da lua iluminava através das fendas a sala estreita e baixa nos cantos, mas suficientemente larga para ele, pequeno e descarnado como um adolescente. Do telhado em forma de cone, feito de bambu e junco, que cobria as paredes sem pintura e tinha um buraco no meio para a saída da fumaça, pendiam réstias de cebola e maços de ervas secas, cruces de folhas de tamareiras e ramos bentos de oliveira, um círio pintado, uma foice contra os vampiros e um saquinho de cevada contra as *panas*. A cada sopro,

tudo tremia e as teias de aranha reluziam ao luar. No chão, a jarra repousava lateralmente com suas alças e a caçarola, virada para baixo, dormia a seu lado.

Efix preparou a esteira, mas não se deitou. Parecia-lhe sempre estar ouvindo o barulho dos passos infantis. Alguém certamente estava vindo e, de fato, de repente os cães começaram a latir nos campos vizinhos e toda a paisagem, que poucos momentos antes parecia adormecida entre o murmúrio de preces das vozes noturnas, ficou cheia de ecos e de frêmitos como se acordasse de sobressalto.

Efix abriu novamente a porta. Uma figura negra subia pela encosta onde as favas baixas ondulavam prateadas ao luar e ele, a quem durante a noite até as figuras humanas pareciam misteriosas, fez de novo o sinal da cruz, mas uma voz conhecida o chamou: era a voz fresca, mas um pouco arfante, de um rapaz que morava ao lado da casa das senhoras Pintor.

“Tio Efixê, tio Efixê!”

“O que aconteceu, Zuannantò? Estão bem as minhas senhoras?”

“Estão bem, sim, me parece. Só me mandaram aqui para lhe dizer que volte amanhã cedo para o vilarejo porque elas precisam falar com você. Talvez seja por causa de uma carta amarela que vi nas mãos de dona Noemi. Dona Noemi estava lendo e dona Ruth, com o lenço branco na cabeça, como uma monja, varria o pátio, mas estava parada apoiada na vassoura e escutava.”

“Uma carta? Não sabes de quem é?”

“Eu não; não sei ler, mas minha avó disse que talvez seja do senhor Giacinto, o sobrinho de vossas patroas.”

Sim, Efix imaginava, devia ser isso. No entanto, coçava, pensativo, a bochecha, com a cabeça inclinada, e tinha esperança e temor de estar enganado.

O rapaz tinha se sentado, cansado, na pedra diante da cabana e desamarrava as botinas perguntando se não havia nada para comer.

“Corri como um cabrito: estava com medo dos duendes...”

Efix levantou o rosto trigueiro, duro como uma máscara de bronze, e fitou o rapaz com os olhinhos azulados fundos e envolvidos por rugas: e aqueles olhos vivos brilhantes exprimiam uma angústia infantil.

“Disseram se devo voltar amanhã ou hoje à noite?”

“Amanhã, já lhe disse! E, enquanto você estiver no vilarejo, ficarei aqui a cuidar do sítio.”

O servo estava habituado a obedecer a suas patroas e não fez outras perguntas. Tirou uma cebola da réstia, um pedaço de pão do alforje e, enquanto o rapaz comia, rindo e chorando pelo cheiro forte da cebola, voltaram a conversar. Os personagens mais importantes do vilarejo atravessavam a conversa: primeiro vinha o vigário, depois a irmã do vigário, em seguida o Milese, que tinha se casado com uma filha dela e que, de vendedor ambulante de laranjas e de ânforas, tinha passado a ser o mais rico comerciante do lugar. Na sequência, dom Predu, o prefeito, primo das patroas de Efix. Dom Predu também era rico, mas não tanto quanto o Milese. Depois vinha Kallina, a agiota, rica também, mas de modo misterioso.

“Os ladrões tentaram quebrar a parede dela. Não conseguiram: está enfeitada. E ela ria, hoje de manhã, no pátio da casa, dizendo: ‘mesmo que entrem, encontrarão somente cinzas e pregos, sou pobre como Cristo’. Mas minha avó disse que tia Kallina tem um saquinho cheio de ouro escondido dentro da parede.”

Mas Efix, no fundo, pouco se importava com essas histórias. Deitado na esteira, com uma mão debaixo da axila e a outra sob a bochecha, sentia o coração palpitar e o farfalhar dos juncos das encostas lhe parecia o suspiro de um espírito maléfico.

A carta amarela! Amarelo, cor feia. Quem sabe o que ainda iria acontecer a suas patroas. Já faz vinte anos que, quando algum acontecimento rompe a monotonia da casa dos Pintor, invariavelmente é uma desgraça.

O rapaz também tinha se deitado, mas não estava com vontade de dormir.

“Tio Efix, ainda hoje minha avó estava dizendo que vossas patroas eram ricas como dom Predu. É verdade ou não é?”

“É verdade”, disse o servo, suspirando. “Mas não é hora de lembrar essas coisas. Dorme.”

O rapaz bocejou.

“Mas minha avó conta que, depois que morreu dona Maria Cristina, a santa patroa velha, passou uma espécie de excomunhão na casa delas. É verdade ou não é?”

“Dorme, te digo, não é hora...”

“Mas me deixe falar! É porque dona Lia, vossa patroa mais nova, fugiu? Minha avó disse que você sabe, que ajudou dona Lia a fugir, acompanhou-a até a ponte, onde ela se escondeu até que passou um carro com o qual ela foi até o mar. Lá, embarcou. E dom Zame, o pai dela, vosso patrão, procurou por ela, procurou por ela até

morrer. Morreu lá, junto à ponte. Quem o matou? Minha avó disse que você sabe...”

“Tua avó é uma bruxa! Ela e tu, tu e ela, deixem em paz os mortos!”, gritou Efix, mas sua voz era rouca, e o rapaz riu com insolência.

“Não se exalte que lhe faz mal, tio Efix! Minha avó disse que foi o duende que matou dom Zame. É verdade ou não é?”

Efix não respondeu: fechou os olhos, tapou o ouvido com a mão, mas a voz do rapaz zunia no escuro e lhe parecia a própria voz dos espíritos do passado.

E, aos poucos, todos eles começam a se aproximar e penetram pelas fissuras como os raios da lua: dona Maria Cristina, bela e calma como uma santa; dom Zame, vermelho e violento como o diabo; as quatro filhas, que no rosto pálido têm a serenidade da mãe e, no fundo dos olhos, a chama do pai; os servos, as servas, os parentes, os amigos, todos que invadem a casa rica dos descendentes do barão do distrito. Mas passa o vento da desgraça e as pessoas se dispersam como as nuvenzinhas no céu em torno da lua quando sopra a tramontana.

Dona Cristina está morta, o rosto pálido das filhas perde um pouco da serenidade e cresce a chama no fundo dos olhos: cresce à medida que dom Zame, depois da morte da mulher, adquire cada vez mais o aspecto arrogante dos barões, seus antepassados, e, como estes, mantém as quatro moças fechadas dentro de casa, à espera de maridos dignos delas. E, como escravas, elas devem trabalhar, fazer o pão, tecer, costurar, cozinhar, saber cuidar de suas coisas; e, sobretudo, não devem erguer os olhos diante dos homens nem se permitir pensar em algum que não seja o esposo a elas destinado. Mas os anos se passavam e o esposo não vinha. E, quanto mais as filhas envelheciam, mais dom Zame exigia delas uma constante severidade de costumes. Ai delas se ele as visse na janela que dava para o beco atrás da casa, ou se saíssem sem sua permissão. Estapeava-as, cumulando-as de impropérios, e ameaçava de morte os jovens que passavam duas vezes seguidas pelo beco.

Enquanto isso, ele passava os dias a vagar pelo povoado ou sentado no banco de pedras diante da loja da irmã do vigário. As pessoas se esquivavam ao vê-lo, de tanto medo que tinham de sua língua. Ele brigava com todo mundo e era tão invejoso do bem alheio que, ao passar por um belo sítio, dizia: “que as brigas te devorem”. Mas as brigas acabaram por devorar suas próprias terras, e uma desgraça inédita o atingiu repentinamente,

como um castigo de Deus por sua soberba e seus preconceitos: dona Lia, a terceira de suas filhas, desapareceu uma noite da casa paterna e por muito tempo não se soube mais nada dela. Uma sombra de morte recaiu sobre a casa. Nunca no vilarejo ocorrera um escândalo igual: nunca uma jovem nobre e bem-educada como Lia havia fugido de casa. Dom Zame dava a impressão de ter enlouquecido, corria de cá para lá por todos os arrabaldes e ao longo da costa à procura de Lia; mas ninguém soube lhe dar alguma notícia dela. Por fim, ela escreveu às irmãs dizendo que se encontrava em lugar seguro e que estava contente por ter arrependido seus grilhões. As irmãs, porém, não perdoaram, não responderam. Dom Zame tinha se tornado mais tirânico com elas. Vendia as sobras de seu patrimônio, maltratava o servo, aborrecia meio mundo com suas queixas, viajava sempre com a esperança de localizar sua filha e reconduzi-la a casa. A sombra da desonra que recaía sobre ele e sobre a família toda, por causa da fuga de Lia, pesava-lhe como um manto de condenado. Numa manhã, foi encontrado morto na estrada, sobre a ponte para lá do vilarejo. Deve ter morrido de síncope, porque não apresentava nenhum sinal de violência, apenas uma pequena mancha verde no pescoço, debaixo da nuca. As pessoas disseram que talvez dom Zame tivesse brigado com alguém e sido assassinado a pauladas, mas, com o tempo, essas vozes calaram-se e predominou a certeza de que ele morreu de desgosto pela fuga da filha.

Lia, nesse ínterim, enquanto as irmãs desonradas por sua fuga não encontravam marido, escreveu anunciando seu casamento. O marido era um comerciante de gado com quem ela tinha topado por acaso durante sua viagem de fuga: viviam em Civitavecchia com certa fartura, logo iam ter um filho.

As irmãs não lhe perdoaram esse novo erro: o casamento com um plebeu encontrado dessa maneira tão triste. E não responderam.

Algum tempo depois, Lia escreveu mais uma vez anunciando o nascimento de Giacinto. Elas mandaram um presente ao sobrinho, mas não escreveram à mãe.

E os anos passaram. Giacinto cresceu e, todo ano, na Páscoa e no Natal, escrevia às tias, e as tias lhe mandavam um presente. Uma vez escreveu que estudava; outra vez, que queria entrar na marinha; outra, ainda, que tinha encontrado um emprego; depois comunicou a morte de seu pai, depois a morte de sua mãe; por fim, expressou o desejo de visitá-las e de se estabelecer com elas, caso encontrasse trabalho no vilarejo. Seu modesto emprego no

escritório da alfândega não lhe agradava: era humilde e maçante, consumia-lhe a juventude. E ele amava a vida de trabalho, sim, mas simples, ao ar livre. Todos o aconselhavam a ir para a ilha de sua mãe, para tentar a sorte com um trabalho honesto.

As tias começaram a discutir e, quanto mais discutiam, menos se entendiam.

“Trabalhar?”, dizia dona Ruth, a mais calma. Mas se o pequeno vilarejo não proporcionava recursos nem mesmo aos que tinham nascido ali?

Dona Ester, ao contrário, via com bons olhos os projetos do sobrinho, enquanto dona Noemi, a mais jovem, sorria, fria e zombeteira.

“Ele provavelmente crê que vem aqui para ser o patrão. Que venha, que venha! Virá pescar no rio...”

“Ele mesmo disse que quer trabalhar, Noemi, minha irmã! Trabalhará, portanto: será comerciante como o pai.”

“Então deveria ter sido antes. Nossos parentes nunca compraram bois.”

“Outros tempos, Noemi, minha irmã! Afinal, os senhores são justamente os comerciantes hoje. Vês o Milese? Ele diz: o barão de Galte agora sou eu.”

Noemi ria, com um olhar maldoso nos olhos profundos, e seu riso desencorajava dona Ester mais do que todos os argumentos da outra irmã.

Todos os dias era a mesma história: o nome de Giacinto ressoava por toda a casa, e, mesmo quando as três irmãs se calavam, ele estava no meio delas, como, aliás, esteve sempre, desde o dia de seu nascimento, e sua figura desconhecida enchia de vida a casa em ruínas.

Efix não se lembrava de ter tomado parte diretamente nas discussões de suas patroas: não ousava, antes de tudo, porque elas não o interpelavam e, depois, para não ter escrúpulos de consciência. Mas ele desejava que o rapaz viesse.

Ele o amava, sempre o tinha amado como uma pessoa da família.

Após a morte de dom Zame, ele ficou com as três senhoras para ajudá-las a resolver seus negócios complicados. Os parentes não as ajudavam, aliás, as desprezavam e as evitavam; elas sabiam apenas fazer os trabalhos domésticos e nem sequer conheciam o sítio, último remanescente do patrimônio que tinham.

“Ficarei mais um ano a serviço delas”, dissera Efix, movido por pena do abandono em que se encontravam. E ficou vinte anos.

As três mulheres viviam da renda do sítio que ele cultivava.

Nas safras magras, dona Ester dizia ao servo, no momento de pagá-lo (30 escudos ao ano e um par de botinas):

“Tem paciência, pelo amor de Cristo; o teu não te faltará.”

E ele tinha paciência, e seu crédito aumentava ano após ano, tanto que dona Ester, um pouco por brincadeira, um pouco a sério, prometia-lhe deixá-lo como herdeiro da propriedade rural e da casa, apesar de ele ser mais velho que elas.

Velho, a essa altura, e fraco; mas era sempre um homem, e sua sombra ainda era suficiente para proteger as três mulheres.

Agora era ele que sonhava para elas a boa sorte: se ao menos Noemi encontrasse marido! E se a carta amarela, no final das contas, trouxesse uma boa notícia? Se anunciasse uma herança? Se fosse justamente um pedido de casamento para Noemi? As senhoras Pintor ainda tinham parentes ricos em Sassari e em Nuoro: por que um deles não podia se casar com Noemi? O próprio dom Predu podia ter escrito a carta amarela...

E eis que, na imaginação cansada do servo, as coisas, de repente, mudam de aspecto como da noite para o dia. Tudo é luz, suavidade: suas nobres patroas rejuvenescem, alçam voo como águias que readquiriram as penas, a casa ressurgiu das ruínas e tudo ao redor refloresce como o vale na primavera.

E a ele, ao pobre servo, só resta recolher-se para o resto da vida no sítio, desenrolar a esteira e descansar com Deus, enquanto, no silêncio da noite, os juncos sussurram a oração da terra que adormece.

O projeto gráfico deste volume inspirou-se em um artesanato tradicional da Sardenha, feito a partir do junco trançado. Esse tipo de trama – *òrriu*, em sardo –, que foi reproduzida graficamente na capa do livro, está presente em tecidos, esteiras, tapetes e cestas produzidos na ilha italiana há várias gerações.

O texto foi composto com a fonte tipográfica Amalia, criada pelo croata Nikola Djurek. O nome do tipo é uma homenagem a sua avó, Amalia, uma mulher extremamente habilidosa na caligrafia desenhada com caneta-tinteiro ou bordada em toalhas de jantar. Com suas serifas arredondadas, o caractere tipográfico também remete ao junco, que tem o mesmo desenho na extremidade de suas folhas.

O livro foi impresso em papel offset 90 g/m² na Stilgraf em fevereiro de 2015.

Este exemplar é o de número